

Uma data, uma memória

José Cardoso Pires

Escritor. Membro do Conselho
Português para a Paz e a Cooperação



Hoje e amanhã um aniversário do «**Avante!**» é um acontecimento que ultrapassa as referências de uma data e de um Partido para envolver todo um capítulo de um Povo. Falar assim de uma evidência histórica é simples: ocorre necessariamente ao investigador político e ao analista da Informação. Qualquer deles terá de situar o «**Avante!**» no quase meio século de terror que dominou o País, destacando-o como a resposta primeira, a mais constante e indomável, ao desespero e ao medo.

Mas na memória antifascista do Portugal censurado aquele jornal de páginas modestas e de imprensa dolorosa, dedicada, sugeria outras leituras, penso eu, outros valores complementares. Contra o silêncio imposto (a «paz oficial» da paisagem de Salazar cristianíssimo) o «**Avante!**» descrevia o País por dentro, aquele que fermenta e não cede, e era como que o registo do quotidiano português na sua trajectória mais íntima e mais significativa. Líamo-lo a desoras com as dificuldades de um tempo clandestino, e os riscos e a aventura de cada exemplar até nos chegar às mãos já faziam parte da sua mensagem. Eram, digamos, o recado provado de que, apesar da repressão, das denúncias, das prisões, do desmantelamento de tipografias, a Resistência tinha vencido – e o jornal ali estava, rompendo a noite.

Cada leitura tem a sua hora e a sua luz: vive muito do clima em que é feita. Um jornal redigido e composto – e divulgado, e discutido – nos sobressaltos da clandestinidade surge aos olhos do País com uma luminosidade quase lendária. Lê-lo não é apenas apreender o que está escrito, é configurar a temperatura da opressão e reconhecer a falência do comodismo e do desespero.

Por isso, entre o leitor e o «**Avante!**» dos anos do fascismo, havia uma componente complementar, uma segunda leitura donde emergiam relações e valores circunstanciais para lá do texto e dos dados imediatos. Um

simples desenho, um poema que aparecesse naquele tão reduzido e poupado espaço faziam pensar em mil esforços, mil dedicações, face às prioridades da luta política e dos acontecimentos gerais. Diante de um linóleo anónimo ocorriam nomes de artistas que lutavam na clandestinidade: Dias Coelho, Cunhal, Margarida Tengarrinha (hoje venho a saber que Pomar foi um dos colaboradores desse período). E procurava-se identificar-se-lhes o traço, imaginar-se-lhes a mão. Presentiam-se sinais de Pereira Gomes ou de Dias Lourenço nesta nota literária ou naquele poema – e perguntava-se onde estavam. Qual o seu rosto? Que mundo percorriam entre a noite e o dia?

Todos estes ecos nos chegavam, a nós, jovens das letras e das artes, na leitura do «**Avante!**» dessa época. Eles traduziam uma segunda relação do leitor com o jornal, uma relação subjacente à escrita.

Mas cada verso, cada crónica ou cada gravura que apareciam naquelas páginas tinham um outro significado. Eram a presença criativa, aquilo que completava a informação sobre a Resistência intelectual que a censura tentava ocultar. Um tal esforço de divulgação revela-se, na modéstia dos seus recursos, como a confirmação visível de que para o «**Avante!**» e para o seu Partido a luta cultural fazia parte da luta do trabalho e que a obra de arte e o acto de criar beleza se desenvolviam na frente colectiva como valores de libertação.

Se me fosse possível, nesta data do «**Avante!**» enviar-vos-ia simplesmente uma gravura e não palavras. Recortá-la-ia de um desses velhos números dos anos malditos e escolheria, de preferência, um certo linóleo em que o alguém nos descreve uma tipografia clandestina. Sim, o desenho de uma tipografia. Aí está, creio eu, o mais simples e espontâneo cartão de aniversário que a memória me sugere.